

# DOCUMENTO CONCEITUAL

Reflexão crítica sobre o  
conceito de competência

---

Segundo José Sérgio Carvalho (2013), o inglês John Passmore foi um dos primeiros a discutir a questão da formação em grandes capacidades ou competências, como pensamento crítico. O pensador inglês demonstrou que, para desenvolver pensamento crítico não era suficiente apenas de ter informações sobre o tema, como tampouco ter a habilidade de aplicar um método de análise. Ainda que a posse dessas informações possam ser necessárias e frutíferas, não são suficientes. Capacidades, habilidades competências podem ser usadas para bem ou para mal.<sup>1</sup>

Já o objetivo de se desenvolver o pensamento crítico em um contexto educacional, segundo Passmore, não só expressa preocupação com o ensino de certas habilidades ou competências, mas aponta necessariamente o cultivo de um conjunto de características e valores que se manifestam em nossa forma de conceber, agir ou analisar fatos e discursos. Nesse sentido, o cultivo do ‘espírito crítico’ está mais próximo do desenvolvimento de um traço do caráter — ou de uma virtude intelectual — do que do conteúdo de disciplinas ou ‘competências’. Assemelha-se mais à formação de ‘espírito de solidariedade’ ou de ‘apreço pela justiça’ do que de competências como ler e resolver problemas lógicos. Isso porque capacidades e competências são axiologicamente neutras e, uma vez desenvolvidas, podem ser bem ou mal aplicadas ou utilizadas (‘Fulano usa sua competência retórica para o mal’). Já de virtudes intelectuais e morais podemos dizer que foram — ou não — suficientemente desenvolvidas ou cultivadas, mas nunca bem ou mal aplicadas. Por isso, não há um mau uso da solidariedade ou do espírito crítico, embora ambos possam estar ausentes ou ser insuficientes em determinada situação. (CARVALHO, 2013, p. 121)

---

**1** “Um médico pode usar sua habilidade tanto para matar quanto para curar. Analogamente, um *expert* na detecção de falácias pode usar sua habilidade para ocultar falácias em seu próprio discurso, ao desviar delas nossa atenção. (PASSMORE, 1984, p. 168 apud CARVALHO, 2013, p. 121)

Com Passmore, José Sérgio Carvalho argumenta assim: que o aprendizado de capacidades e da competência em algum campo do conhecimento está intimamente relacionado a como se aprende e como se toma contato e se valora esse campo de experiências humanas<sup>2</sup>, apontando, portanto, à constituição de uma certa cultura de pensamento como escola de pensamento.

(...) as informações e os conhecimentos não devem ser apresentados em abstração dos meios pelos quais se desenvolveram, acumularam e foram criticados, aperfeiçoados e substituídos. Mas, na verdade, a própria noção de ensino escolar, em oposição à de doutrinação, por exemplo, já pressupõe que exponhamos aos alunos as razões ou os procedimentos que nos levaram a acreditar em determinada teoria ou a proceder de certo modo e não de outro. É também evidente que o ensino desses procedimentos e modos de pensar que caracterizam os diferentes ramos do conhecimento presentes nos currículos e instituições escolares é mais importante que a mera transmissão de uma outra informação isolada ou de um hábito qualquer. (CARVALHO, 2013, p. 122)

**2** “É perfeitamente possível — e muito frequente — que uma pessoa tenha capacidade crítica em um campo e não em outro. Um grande crítico de arte pode ser absolutamente acrítico em termos políticos ou em suas relações pessoais. A capacidade crítica que podemos desenvolver em um ou outro campo não se dissocia do conhecimento que temos dele. Por outro lado, a transferência e a aplicação de uma capacidade como essa a outro campo é um assunto complexo e ainda muito obscuro. Assim, embora seja possível acumular conhecimentos sem desenvolver a capacidade crítica, não é possível desenvolver capacidade crítica sem ter conhecimentos e informações. Parodiando Kant, conteúdo sem críticas é cego, mas crítica sem conteúdo é vazia — e tende a se degenerar em mera contestação barata.” (CARVALHO, 2013, p. 123)